



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

de Carvalho, Aécio Flávio
Bucólicas: o lirismo eterno
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 32, núm. 1, 2010, pp. 139-140
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426643013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Bucólicas: o lirismo eterno

PUBLIUS, Virgilius Maro. **Bucólicas**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Campinas: Ateliê Editorial/Unicamp, 2008. 208 p. ISBN 8574803944.

Aécio Flávio de Carvalho

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.
E-mail: afcarva@uol.com.br

“Bucólica”. Com certeza, a palavra não tem o apelo da modernidade. É o título original de uma das três grandes obras de Virgílio, poeta latino mais conhecido pela sua epopeia *Eneida*, concebida – entendem alguns estudiosos – para consagração dos grandes feitos romanos, sob o influxo dos poemas épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Sem esse chamariz da celebração épica, essa outra obra virgiliana, “Bucólica”, que é uma coletânea de poemas pastoris divulgados em Roma a partir de 37 a. C., na corte do imperador Augusto, reaparece entre nós em 2008, com o título *Bucólicas*, pela edição, associada, da Ateliê Editorial e Editora da Unicamp. Trata-se de uma reedição da tradução de Manuel Odorico Mendes (1799-1864); esta reedição vem complementada, agora, com a contribuição do Grupo de Trabalho Odorico Mendes, da Unicamp, mediante novas notas e comentários. Sob a liderança do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcelos, desde 2001, o Grupo de Trabalho tem se empenhado na divulgação do trabalho tradutório de Odorico Mendes; pouco conhecido mesmo nos cursos de Letras, Odorico Mendes tem papel de relevância histórica pela contribuição à formação de uma consciência, nos meios acadêmicos, do valor do clássico greco-latino.

As *Bucólicas* apresentam-se em livro de capa dura, com 203 páginas. Após nove páginas de introdução (que deve traduzir o pensamento do grupo, pois não é assinada por ninguém individualmente), densas de conteúdo, seguem-se os dez poemas virgilianos, também conhecidos por *élogas* ou *églogas*, que compõem a coletânea; são apresentados em páginas geminadas, ou seja, o original latino em página par e a tradução odoricana para o português em página ímpar; notas de rodapé aparecem antecipadas às notas de fim, deixadas por Odorico; e, ao final de cada égloga, comentários sobre a tradução. As notas de rodapé e os comentários finais concretizam, então, as contribuições de cada um dos pesquisadores do Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Além de Paulo Sérgio de Vasconcelos, que

coordena o Grupo, colaboraram os Professores Mariana Musa de Paula e Silva, Charlene Martins Mioti, Giovanni Klein, Júlio Maria do Carmo, Bianca Morganti, Yma Souza de Abreu e Lucy Ana de Bem, todos da Unicamp; Alexandre Hassegawa, da USP e Bruno Vinícius Gonçalves Vieira, da Unesp. Qualquer resenha, como esta, vai pecar pela impossibilidade de fazer justiça ao trabalho individual de cada um desses estudiosos. Aliás, no final do texto de introdução já se sugere a necessidade de tributar o mérito aos colaboradores, esclarecendo que “o trabalho foi feito de forma coletiva, mas cada égloga recebeu a atenção especial de um anotador e comentador”.

O termo “églogas” tem sido usado para designar “não apenas a obra virgiliana como também todo o gênero pastoril na tradição ocidental” – como é bem lembrado, na introdução, à p. 10; assim como ali se refere, também, a fortuna crítica da “Bucólica” virgiliana que, concebida à maneira dos *Idílios*, de Teócrito (síracusano que integrou o grupo dos alexandrinos - 280 a.C. aprox.), concretizou-se como inspiração “para uma série extensa de poetas”, ao longo dos séculos, consoante as palavras autorizadas de Curtius (1996, p. 249) referindo-se à primeira égloga e oportunamente lembradas: “... falta uma chave da tradição literária européia a quem não sabe de cor essa pequena poesia”. Aqui, *mutatis mutandis* e suposta a relativização cabível, atrevo-me à paródia: falta uma chave da tradição literária ocidental a quem não conheça minimamente a ascendência virgiliana, e, particularmente, o poder inspirador das églogas, capazes de criar uma espécie de embriaguez lírica, um *lirismo pintresco*, na expressão de Jean Bayet (1966, p. 221).

Depois de destacar, sinteticamente, a influência das *Bucólicas* na literatura brasileira pelo viés de excertos do árcade Tomás Antônio Gonzaga, tem-se – na Introdução – informações sobre Odorico Mendes, político e jornalista maranhense que, a partir de certa fase da vida, dedicou-se

particularmente às Letras, privilegiando a tradução dos clássicos Homero (traduziu a Ilíada e a Odisseia) e Virgílio (são “conhecidas” as traduções da Eneida e das Bucólicas).

Sobre o processo de tradução odoricana, faz-se a defesa da sua “tradução poética” que procura recriar, em português, “o aspecto material mesmo dos signos, o som, o ritmo, a ordem expressiva das palavras”. Neste sentido, advoga-se o ensinamento de Haroldo de Campos (1992), que propunha, “em face da tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos”, a tradução criativa, a recriação desses textos. Entretanto, há o registro claro do crédito do Grupo à importância “de edições acadêmicas, em que o interesse maior é divulgar, com a tradução acompanhada de notas e comentários”. Não há dúvida, pois, que o trabalho do Grupo se justifique também por essa convicção. Particularmente, entendo que o interesse pelo texto clássico pode ser despertado por aí. É, aliás, o que o Grupo mesmo parece sugerir: “O que se pretendeu foi oferecer um texto seguro, cuidadosamente revisado, e, ao mesmo tempo, aplinar as dificuldades que impedem a fruição da tradução por parte de um grupo mais amplo, não especializado”. Enfatizo esse aspecto do trabalho do grupo campineiro. Vez por outra surge, ainda, a necessidade de se comprovar a importância da tradição clássica. Traduções, como esta, que, sem prejuízo do original, sejam palatáveis, com notas e informações capazes de despertar a curiosidade, primeiro, e, em seguida, contribuir para apurar o senso estético dos leitores, são de um mérito extraordinário. Se a maioria de nós não nasceu para especialista, todos, entretanto, nascemos para a fruição do belo; obras, como esta, prestam-se muito

bem à educação do melhor gosto literário. Resulta, sim, com as *Bucólicas* “um dos mais interessantes projetos de tradução de que temos notícia”, o que é extremamente alvissareiro para os estudiosos dos clássicos, em geral, e de Virgílio, em particular. Continua válida a apóstrofe de Dante: “se' tu quel Virgilio e quella fonte...” (*Divina Comédia, Inferno, Canto I/79*).

Na reedição, *Bucólicas* é um trabalho primoroso, nos mesmos padrões da reedição da tradução odoricana da *Eneida*, em 2005. É preciso registrar o cuidado com o aspecto gráfico, a um tempo sóbrio e elegante, denotando a preocupação com um engaste conveniente à joia que é o poema imortal de Virgílio, e aos lances trabalhados, primeiro por Odorico, e, agora, pelos pesquisadores do Grupo, da Unicamp. A obra virgiliana é indispensável aos cultores da literatura e esta reedição das *Bucólicas* uma contribuição preciosa na biblioteca dos classicistas.

Referências

- BAYET, J. **Literatura Latina**. Traducción del francés y del latín por Andrés Espinosa Alarcon. Barcelona: Ediciones Ariel, 1966.
- CURTIUS, E. R. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec Edusp, 1996.

Received on April 6, 2009

Accepted on May 6, 2009

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.